

Preço

200 réis

O RISO

N. 10

JULHO



SO'

E' calvo quem quer
Perde os cabellos quem quer
Tem barba falhada quem quer
Tem caspa quem quer

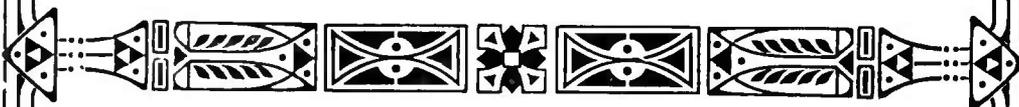
Porque O PILOGENIO

Faz nascer novos cabellos, impede a sua queda e extingue completamente a caspa.

BOM E BARATO

Drogaria: **Francisco Giffoni & C.**

17, Rua 1 de Março, 17



DR. ALVARO DE MORAES

DENTISTA

Trabalhos garantidos, feitos com a maxima brevidade.
Consultas diarias das 7 horas da madhã ás 9 da noite. Aos domingos das 8 ás 2 h ras da tarde. Dispõe de installações electricas para a clinica nocturna.

44, RUA SETE DE SETEMBRO, 44

(Canto da rua da Quitanda)

Telephone 1.945

Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 27 de Julho de 1911

O RISO

Semanario artistico e humoristico

NUM. 10

Propriedade: Rebello Braga

ANNO I

CHRONICA

No grande numero dos que se foram nesta semana para a *Morgue*, estão contemplados dois homens que trabalharam com afinco na imprensa Carioca.



Um delles — o reporter Tito Soares do «Diario de Noticias», tendo o pesado encargo da mulher e dos filhos, fazia de modo assiduo a côrte á filha de um despachante da Prefeitura.

Estreitaram-se as relações do *conquérant* com a familia da que fizera uma resáca no seu coração. O Tito foi obrigado a fazer sentir á moça o caracter violento do seu amor. Ia o idyllo demorado. Chegára o momento da classica explicação dos velhos amores.

O reporter se tinha mettido em uma *camisa de onze varas*.

Debalde procurou o x de uma evasiva.

Debalde!

Resolveu então por a *practes limpos* o seu romance com os intimos.

Já houvera dado um grande corte no numero das entrevistas.

O amor, porém, como um grande polvo dominava o seu coração.

«Porque não se abriu a terra,
Porque os céos não me puniram,
Quando os meus olhos te viram!»

Comprou um revolver, tomou uma boa dozagem de *calixtos* de cognac, um bond da Light, e junto das flores do jardim da sua Diva ingerio o conteúdo todo de um frasco de estrychinina.

Quando os donos da casa correram em seu auxilio já encontraram moribundo o tresloucado.

ELIXIR DE NOGUEIRA — do Pharmaceutico Silveira Cura a syphilis.



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“ O RISO ”

deverá ser remettida á sua redacção á

RUA DA ALFANDEGA, 182

Telephone 3.803.

Tiragem 15.000 exemplares.

Numero avulso... 200 réis

Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital 10\$000

Exterior 12\$000

Só o Tito encontrára a morte por suas mãos, outro tanto não se poderá dizer do Cruz Gomes.

Natureza fragil, era um sentenciado á morte pelo exhaustivo serviço do « popularissimo » exhalando nesta semana o seu ultimo alento.

Do extincto nem com a tradicional dose de exagero que os jornaes costumam dispensar aos de casa, ousaremos dizer que se foi um talento.

Não !

O Cruz era apenas um excellente camarada, um *pé de boi* nos cavacos do officio e um fanatico pela vida que abraçára.

O seu lugar não será, pois, difficil de preencher no jornal de maior circulação desta America.

E como estamos tratando de cousas tristes, vem a pêlo o caso do padre da Gavea.

Uma das senhoritas já depôz.

Tudo já está ás claras.

Que houve ?

Nada !

Apenas o rosario das malicias de um urubú malandro, de um marreco, de um marôto, que procedeu com duas sobrinhas orphãs e dozellas do mesmo modo que qualquer um devasso sem ser *padre* nem *santo*, procederia com uma mulher livre e sem embaraços.

Tem a palavra os patronos do reverendo.

E' verdade que o direito é a sciencia do recursos.

Entre nós existem as provas mais eloquentes disso.

Tem a palavra o chefe do Cléro.

Vejamos si essa autoridade fará questão de mais um ministro Cupido.

Vejamos !

Tudo é possivel.

Marôto.



— Que historia é essa de *moços bonitos*?

— São sujeitos que fazem cavações feias.



Ella — Tomemos um *fiacre*.

Elle — Estás com tanta vontade de ...

Ella — E' que a nossa felpudinha Mimi... está muito cansada de percorrer de ponta a ponta a Avenida Central.

O delegado Cunha Vasconcellos interroga uma das testemunhas de um facto de escandalo, sem saber que a mesma era surda e muda :

— Onde se deu o facto ?

O surdo-mudo aponta com o dedo para um ponto muito distante.

O delegado faz uso de um oculo de alcance e distinguindo muito ao fundo do horizonte um grupo de grandes arvores de flores amarellas, volta-se para o escrivão e dita :

— A' sombra de enormes e frondosas mangueiras...

A testemunha torna a apontar para o mesmo ponto, depois de haver lido o termo do escrivão.

O delegado bota de novo o seu instrumento de optica, descortinando numa aba de montanha uma casinha pintada á cal.

— Rectifique, senhor escrivão : na casa branca da serra...



— Que fim levou o conego das primas ?

— S. Belisario absolveu-o da culpa e pena.



O tenente Mello, do « Satellite », vae receber a recompensa de seus serviços.

Consta que será nomeado administrador do Matadouro de Santa Cruz.



DESILLUSÃO

Desde que chegou á Capital Federal, installando-se commodamente numa cadeira de deputado, Luiz Antonio sentiu o desejo de atirar-se ás conquistas amorosas. Elle que no interior do Estado de Minas sempre ouvira falar da corrupção de costumes da sociedade carioca, chegando os caipiras da velha guarda a comparal-a a uma nova Sodoma, queria tambem experimentar a sensação deliciosa dos amores illicitos. A esposa, que ficára na fazenda, dando milho ás gallinhas, não lhe podia crear embaraços, longe como se achava de suppor que elle fosse capaz de trahil-a cahindo nos braços d'outra mulher.

Só uma difficuldade se lhe poderia oppor á realisação do ideal: a falta de dinheiro para gastar em presentes. Habitudo a prestar á sua *cara metade* contas exactas de toda a sua receita e de toda a sua despeza, forçoso lhe era romper com esse velho costume ou, pelo menos, enganar-a, subtraindo á parcella do activo grande parte do subsidio. Mas os escrupulos do consciencia não resistiram á tentação do *demonio da carne*.

Luiz Antonio arranjou-se muito bem mandando dizer á consorte que a importancia total do subsidio era de um conto e quinhentos mil réis por mez. Ficam lhe assim, livres para gastar, 750\$, nos mezes de 30 dias, e 825\$ nos mezes de 31 dias. A mulher que jurava sobre a fé das snas palavras, nunca desconfiaria que elle fosse capaz de illudil-a por aquella forma.

Bem dispostos os seus negocios, Luiz Antonio atirou-se aos amores facéis. Servia-lhe de introductor nos bordeis um antigo collega de academia, rapaz bem relacionado no *demi-monde*. Foi ao High-Life e passou noites inteiras estropiando o francez com, lavadeiras do Senna, por entre os vapores do champagne; foi á Tina Tatti e procurou arrastar nm italiano macarronico; foi á Mme. Suzane, foi á Richard, foi á Vallerie, emfim, a todas ou quasi todas as *pensões chics*.

Mau grado seu, esse perigrinar pelos alcouces em que se esgotavam todas as suas economias não o deixavam satisfeito.

Luiz Antonio sonhava com um amor mais raro, com uma conquista menos facil. Debalde permanecia a espera de que alguma bonita mulher casada fosse procural-o na Camara dos Deputados afim de pedir-lhe emprego para o marido. Via com inveja os col egas serem assediados pelos derriços de tantas pretendentes formosas! Porque razão não tinha elle tanta sorte como o Francisco Souza,

um typo feio, mal ageitado e de cara bexigosa!

No meio dos seus despeitos sorria-lhe, porém, a esperanza de que mais dias menos dias, antes que terminasse o mandato, elle conseguiria uma aventura galante.

Surprehendeu-o nesta expectativa o convite d'um amigo para irem juntos a uma casa de *rendez-vous*. Ali, dizia-lhe o amigo, encontra-se muita coisa boa. Vão lá muitas mulheres casadas e até moças que frequentam a alta roda na qualidade de filhas de importantes familias.

Uma tal revelação, feita em tom de mysterio, não podia deixar de provocar a curiosidade de Luiz Antonio.

Combinado o dia partiram ambos para a rua de Sant'Anna. Um velho, em traje caseiro abr'a-lhe a porta e quanto uma voz de mulher perguntava do interior da casa:

— Quem é que está ahí, doutor?

Luiz Antonio fez um movimento de recuo, suppondo que se haviam enganado na porta. Mas o velho tranquillizou-o:

— Queiram entrar, não façam cerimonia.

Passaram a sala de visita. Momentos depois uma velha, a mesma que falára de dentro, dirigia-se a Luiz Antonio, offerecendo-se para mandar buscar-lhe uma coisinha nova, uma belleza de morena, casadinha de fresco. Lisongeados com a offerta, e prelibando a sensação d'um amor adulterino, o novel deputado apressou-se em acceital-a.

Houve uma demora de meia-hora. Durante esse tempo de espera a imaginação de Luiz Antonio vagabundeou pelo mundo da phantasia. Quem seria a adoravel creatura que dentro em breve ia apertar entre os seus braços, nos espasmos do goso? Talvez a mulher d'algum conhecido, d'algum collega, deputado como elle...

Quem sabe?

Eis que pára um automovel á porta. O coração de Luiz Antonio bate com desusada violencia ao tempo em que se ouve uns pasinhos miudos, subindo a escada.

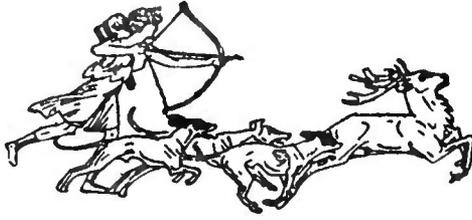
Entra-lhe pelo quarto, onde elle já se achava, a cabeça embuçada n'uma mantilha hespanhola, um typo *mignon*. A porta da alcova fecha-se á sua passagem. E' o momento do primeiro abraço, do primeiro beijo. Oh, desillusão! Os dois fitam-se cheios de espanto. São velhos conhecidos... A mysteriosa creatura é, nada mais, nada menos, que uma pensionista da Augusta Mulata, com a qual Luiz Antonio já tivera, mais de uma vez, relações amorosas.

Lippo.

Elixir de Nogueira do PHARMACEUTICO SILVEIRA
Grande depurativo do sangue.



Uma visita



Hontem fui visitar a minha lavadeira. Si vocês não sabem, fiquem sabendo que a tia Chica mora no morro de Santo Antonio.

Eu hontem estava de azar, pois que, logo á subida do famoso Calvario da rua Senador Dantas plantei uma respeitavel *figueira*.

E' prescindivel declarar que, estragui as barbas todas de balêa da minha auqnhina, e por um triz não parti a caixa do catarrho.

Eu tenho notado que sempre me acontecem cousas de máo agouro, quando tenho encontros com sotainas e passo por conventos.

Será talvez um acaso, mas é um acaso periodico, que me vae tornando devêras fatalista.

Si não fosse o desgosto de vêr o estado de lastima em que ficára a minha pôpa, eu teria chocado a maravilha do panorama que se desdobrava pelo meu olho nú. Deliciosa a fita dos serros visivelmente azulados; deliciosos os grupos das ilhotas com os seus modernos torrões, cujas agulhas pareciam rasgar a grande papoula de anil do céu, tão apagado como o do lençol placido da Guanabara.

Tem razão de ficarem boquiabertos os estrangeiros com as primicias que a natureza desperou a toda essa nossa terra.

Si na bahia não passeiam os brancos cysnes de Caistrus, não são poucos os latinos das canôas, esguias como as pirôgas, que conduzem as rêdes de pesca á Jurujuba.

Assim como o peixe de saias é abundante pela Avenida, tambem o é o de escamas pelos cachopos da Marambaia.

Ha tainhas pela rua do Ouvidor, como pescadas pela Sapucaia.

Não vale a pena estar fallando em peixões em ura época em que os peixes estão baratos.

Apreciando de palanque a *urbs*, com a

sua moderna casaria, ajardinada á ingleza pelo Passos: as praias aonde outr'ora tinham o seu quartel general os guayamús, afugentados pelo aterro do morro do Senado, a gente fica perplexa ao vêr a miseria que vae pelo morro do Santo milagroso.

Não sei si vocês já se perderam por esta Acropole, com furnas construidas de taboas de caixôtes de sabão e telhados de folhas de lutas de kerozene?

Numa rua chamada do Azar, tive ainda a pouca sorte de levar um segundo tombo, que me atirou ao chão o cacho com o qual a mulher da moda costuma triplicar o volume do cabelo.

Máó! Com esta já são duas as bananeiras que planto, sendo bem possivel que até o fim da descida eu tenha transformado o morro em um bananal.

O *escorrego* é as mais das vezes funesto, mas quando a gente é um ninhos de postiços a cousa é sempre muito triste, porque se fica sempre mais barato seguramente uns vinte por cento.

Que a livio quando cheguei a minha casinha branca, situada como a que morava ultimamente com as pupillas o conego Fernandes em uma aba de montanha!

O domingo cheio de luz, de perfumes, de volatas estava convidativo para a leitura á sombra das arvores.

As arvores que eu tenho em maior numero na nossa chacarinha são os pés das lanranjas bocetas.

Vocês hão de conhecer este filhote de lanranja, adocicado como um favo das abelhas e muito cubiçado pelos bicos agudos dos sanhaçús.

Não ha duvida, o dia do descanso é o melhor para a leitura dos jornaes. E' o predilecto dos poetas para as primicias do seu éstro. E', em sunma, o dia gordo dos partos litterarios.

Dentre os escriptores nossos, um está nos fazendo uma grande falta, porque nos desdobrava sempre uma ruma de fitas na sua—«Aqui, Allí e Acolá» da *Gazeta*.

E' verdade que nos manda todos os dias um mimo de cousas estrangeiras nas suas «De Longe» pela *A Noticia*, com um regular tiroteio de hiatos, que já vae fazendo época. Ha por estas missivas de criticismo muita cousa, tristemente philologica como o dobre



de sino quando entra um hospede para a *morgue*.

E ainda ha por ahiquem finja bater palmas ao castigo da sua phraseologia. Não é de admirar, porque uma penca de burguezes batera estrondosas palmas por *trinta dinheiros* á passagem de um Marechal, quando voltava em triumpho de uma viagem á terra de Tiradentes, e passá a em *coupé* pela Avenida Central.

O chalerismo é o *morbus* da moda!

Antigamente o academico podia dar como causa de uns tantos *escorregos* os seus multiplos afazeres, mas agora que está em recreio pelas *europicas*, era natural nos mandasse nas «De Longe» uns presentes mais caros.

E porque não nos manda?

E' o que não se comprehende!

Para que vocês possam fazer uma idéa da força do Medeiros, não será preciso nada mais do que esta cartinha funebre escripta de céus estrangeiros aos seus leitores, na qual offerece uma completa lição de *pharologia* em umas tres duzias de linhas.

Nenhum de vocês tem mais o direito de ignorar que, os vigias desses torreões de fôcos luminosos, em seus rochedos cercados de hydrogeneo e oxygeneo por todos os lados, de perigosas abordagens, quando mimoseadas pelas visitas dos pampeiros possam dizer, ás vezes por uns sete dias, que morreram para o mundo.

E' dura, por vezes, a sorte dos pharoleiros.

Não fallemos nas calamidades que podem acarretar para os lobos marinhos a sua morte pois que ficarão assim privados do valor do X do rufo.

No caso do pharoleiro das «De Longe», a cousa muda por inteiro de figura, pois que, dois escovados no cavaco do officio de um morto: a viuva e um filho, não hesitavam ficar a postos para indicar aos navegantes a carta dos logarithmos da rôta.

Mas o que ninguem, entretanto, nem de leve podia suspeitar, era que aquella grande lamparina a petróleo era manobrada entre as lagrimas de dois entes que velavam um corpo.

E' sómente para que a falta do que esticára as canellas não desse causa a outras

mortes, resolveram fazer o serviço que já fôra feito pelo defunto.

Não é preciso ter o talento de J. dos Santos para fazer desse caso dramatico um conto de truz.

Pudera!

São tão variados e sensacionaes os seus lances que, qualquer um *gato escaldato* faria um romance de fancaria e qualquer um *pé espalhado* poderia vêr o seu nome em typo redondo firmando um *bello* conto.

Não! O melhor é offerecer ao appetite dos leitores todo o perú litterario com o seu recheio phonologico:

DE LONGE...

Junho de 1911.

«Os noticiaristas acharam esta semana um ponto, tão habilmente preparado pela realidade, que não tiveram dificuldade em servi-lo aos leitores.

Todos sabem como é curioza a vida de certos faroleiros. Vivem em rochedos cercados de agua por todos os lados, de abordagem perigoza. Ai recebem, de dias a dias, o alimento e os fornecimentos necessarios para fazer funcionar o farol. Basta, porém, em alguns cazos, que o mar esteja ajitado, para que seja impossivel socorrêl-os. E como, ás vezes, as tempestades se prolongam por mais de uma semana, elles são obrigados a interromper todas as communicações com o resto do mundo. Alimentam-se então de conservas, que já nessa previzão lhes são dadas.

Foi de um desses farôes que, ha dias, morreu o faroleiro. Comelle havia apenas a mais a mulher e um filho.

Os dois não tiveram duvida; continuaram durante trez noites a fazer todo o serviço.

Era um farol dos que se chamam «de eclipses», em que a luz aparece e dezaparece. E com toda a regularidade ella passou essas trez noites a brilhar e apagar-se, em alternativas certas, indicando aos viajantes o bom caminho. Nenhum delles podia, entretanto, suspeitar que essa luz lhes era enviada por uma viuva e um filho, ambos velando um cadaver e era para que a falta do morto não cauzasse outras mortes que elles continuavam o serviço que lhe incumbia.

Nada falta de elemento dramatico a essa narração, que o mais bizonho dos estilistas pode facilmente desenvolver e de que um grande escriptor faria um conto admiravel.—

M. A.~

Xandóca.

Brevemente

Sahirá o primeiro volume da Bibliotheca d'«O Riso» Romance original com suggestivas gravuras.

**Telegrammas**

Kapitá Fedorenta, trinta onzi di Juiu du anu qui akóri.

Jacinta.

Tô mi akazando ôji mêmo com Maróca, numa apretoria. Ao dispôis nos vamu avalidá o kazo kuns padri na katêdrá dus Afritu, e vamu todus dois amorá di pagodi na rua do Jôgo du Biá.

Não çei çí a porkáda xegará prá inxè us panduio dos guri. Tem genti pra burru!

O cumpadri João tá qu nen un senadô: di jáka arta, de butina alustrada de vernis, de luva de pele de gambá e de sobrekanjica cô di burro quando fogi. Tudo tá çastisfeito kun as midida que eu tô temando pro xôro. Meu cumpadri já cortou o pezcçoçu aus patu tudo dokintá. Eu arrecebi uma bengala di unikórno e Maroca um léki de xifre de novia.

Não atelégrafu cum maiz arrodeio, prumodi u tá di atelegrafu qui tá muito çargadu.

Migué.

Hermopolis, 27 do andante, do Atheneu das Sciencias.

Acabo de Jescobrir o *motu continuo* para todas as cousas do Orbe. Pensando, porém, que sou forçado a ficar em constante agitação: eu um ovo de formiga na superficie da melancia da Terra e que terei de cortar relações com a divina Preguiça, não quero as vantagens do gordo *arame* do premio da grande America. Sou obrigado a ser modesto pelo extremo amor da Inercia.

Kalino.

Eureka, 26—7 1911.

Acabo de descobrir que os cannaviaes das terras de Campo Grande dão o melhor assucar mascavinho que existe no commercio do Rio, e um delicioso caldo côr de havana que, mesmo sem o processo do aquecimento pela lenha, dá um melado superior a todos os da terra do Nilo.

Rapadura.

Estafeta.

— Como é isso?

O Marechal é Regente da Republica?

— De certo. Não governa elle em nome do filho?

Entre compadres

(O casorio)

Minha cumadre Jacinta,
Onti foi un grandi dia:
Eu mi acazei cum Maroca
Na igreja, i na prêturia.

Avia gente pra burro,
Nós tudo tava acanhado:
O meu cumpadri, luão
Tinha uns ar di disputado.

E tava di fraski preto
Cum as luva branca nas mão;
Fui de bondi cum cumpadri
Vim de bondi cum peixão.

O tá di bondi da Lati
Parecia um máxo novo:
Pulava tanto nas rua
Qui fez lançá todo o povo.

Maroca lançô nas carça
Do meu cumpadri Juão;
Na igreja eu tive um enjôu
E lançei no çascristão.

Levei pra mais di oitu dia,
Aprendendo á arrespondê
Aos latim tudo du padri,
I tambem a mi benzê.

I cuandu apitava a miça
Toda açartada e di côr
Imbarquei noutras cumverça
Pra rezá cum o apreitor.

Cuandu as tripa da viola
Já tava tudo afinadu.
Um guri fardô di padri
I eu lancei todo o recadu.

O padri qui fez a festa
Era qui nem um capadu,
Tinha banha aos cangoti
I as fuça tudo rapado.

— Vancê se acaza pru gosto
Cum éça sua muié?
Arrespondi: gosto déla!
E'la—eu gosto do Migué!

Agóra qui a côza é céria,
Qui tô divéra acazado,
Não çei çí fiqui na Rôça,
Çi vorti pro povuado.

Migué.

Elixir de Nogueira do Pharmaceutico Silveira ◊ ◊ ◊
◊ ◊ ◊ ◊ Cura molestias da pelle.



Erratas e Cochilos



«Estava actualmente o morto como commandante da 11ª região militar, que abrange os Estados de Santa Catharina e Paraná.»

Este periodo é d'uma noticia da *A Noite* sobre o fallecimento do general Marciano Magalhães. Vê-se que os collegas entraram na imprensa com o pé direito. A descoberta de um morto que actualmente exerce o commando d'uma região militar é um furo a valer!

Noticia da *Imprensa* de 22 de julho de 1911:

«Um conquistador, morador na estação de Anchieta, um desordeiro conhecido, imaginou que *aquellas* para que se volta a sua cupida attenção, hão de por força servir aos seus desejos lubricos.»

Ora, seu *aquelle*, mais um pouco de grammatica e menos pedantismo!

Telegrama passado aos jornaes pelo Sr. Armenio Jouvin, o director revolucionario da *Imprensa Nacional*, diz que a commissão de festejos, incumbida de pregar no pharol dos Abrolhos uma placa engróssativa ao marechal Hermes, encontrou em perfeita ordem a escripturação do referido pharol.

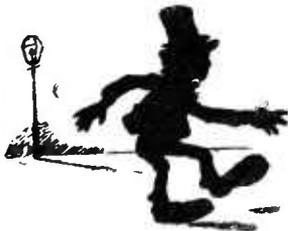
Realmente o caso é de notar, principalmente pelo Sr. Juvin; pois que se trata de regularidade de escripturação.

O contra almirante Souza Lobo, chefe do estado-maior da Armada, vae convidar a officialidade da Armada para receber amanhã, a bordo do paquete *Bahia*, o Marechal Hermes da Fonseca».

Como ha de ser isso. Então o marechal Hermes vem no *Bahia* e a officialidade da Armada vae recebê-lo a bordo do mesmo paquete!

«O Marechal antes do fogo, com sua Exma. familia, fará o percurso da Avenida, em carro do Estado.»

(Vide *Jornal do Brasil* de 21 do corrente).



Mas que reporter indiscreto. Que tem a ver o publico com o fogo do marechal?



Do *Jornal dos Estados*:

«Garante-nos, digno deputado nordestista, que os situacionistas rio-grandenses do norte não tem susto de candidatura do go-

verno de seu Estado, pois a eleição será procedida em 1914, data que deixará o poder o Marechal Hermes».

O digno deputado é capaz de garantir-nos que o Marechal Hermes deixará mesmo o governo, naquella data? Pois, sim: fiem-se na virgem e não corram!...

Segundo noticia o *Jornal do Brasil*, o Sr. Quintino Bocayuva declarou ao coronel Silva Pessoa, que os senadores da Republica comparecerão ao desembarque do Marechal Hermes da Fonseca.

Cuida o Sr. Quintino que o Senado é um collegio dirigido pela professora Daltro?

Tem a palavra para protestarem os Srs. Ruy Barbosa, Feliciano Penna, Alfredo Ellis e Hercilio Luz.

Entre funcionarios publicos:

— Sabes, por causa da visita do Hermes, as repartições de Fazenda, no Espirito Santo, tiveram dois dias feriados.

— Que felicidade! Mas aqui o homem chega num domingo.

— Nem ao menos o ponto foi facultativo!

— Já é caiporismo.

ADOLPHO M. DOS REIS

Com uma festa intima encantadora, festejou no sabbado ultimo o seu anniversario natalicio, o nosso querido amigo e companheiro Adolpho Reis. E' um dos redactores d'*O Riso*, o que equivale a dizer que é um folgazão, amante impreterrito do bello sexo, apaixonado detensor da arte, e... sensível como qualquer mortal.

A's provas innequívocas de amizade que recebeu dos seus numerosos amigos attestam bem o quanto elle é estimado e querido.

O Riso, que se fez representar por seis dos seus mais *enfatiados* companheiros, apresenta ao Reis os seus effusivos cumprimentos.



Conto do Vigario

Caxangá é o amanuense mais elegante que existe neste Rio de Janeiro. Só de roupas, elle tem mais de dez ternos, além de uma casaca, um *frack* e um pyjama remendado.

Não tem mais nada: nem cama, nem lençóis, nem livros. Tem unicamente roupas.

Além de elegante, Caxangá é jornalista, jornalista de fancia. Diariamente, é visto na Avenida, com *linguados*, a tomar notas; e o seu negocio, isto é, o seu escripto, o seu artigo sae no dia seguinte, nesta fórma sempre a mesma: «Vimos hontem na Avenida e em outras partes (quaes serão?) elegantes Mme. Pivot, Grandtrou, Piabanha, Sans Souci, etc...»

Ha dias aconteceu-lhe um caso muito engraçado.

Estava elle, na Avenida, nas proximidades da «Castellões», quando se encontrou com Mme. Sylva Regadas, acompanhada de suas lindas filhas: Juracy, Aracy e Jandyra.

Caxangá apressou-se em ir comprimental-as, segundo todas as regras estabelecidas pelo Barão de Santo Alberto. Aracy sorriu, Jandyra torceu o pescoço e Juracy ageitou os olhos nos cantos das orbitas, com uma graça de tentar.

A velha Regadas mais uma vez olhou as roupas de Caxangá e pensou no bom genro que elle dava.

Conversa vem, conversa vae, quando Aracy lembrou:

— Vamos tomar chá, na Cavé, mamãe?

Concordaram todos, inclusive Caxangá; encaminharam-se para esse nosso cellular e cubicular Bitz.

Caxangá marchou contrariado, visto ter 400 réis no bolso, quantia que lhe fôra dada pelo Chico Botija, num *rachar* fraternal.

E' inutil dizer que tão poucos nickes não davam para as despezas e mesmo elle não os queria gastar, porque se destinavam ao jantar.

Caxangá é sobrio que nem um mendigo; e, com 400 réis elle bem podia tomar uma indigestão.

Foi; e, lá no nosso minusculo Bitz, a velha Regadas e as suas lindas filhas encomendaram chás, *gateaux*, enquanto Caxangá tinha colicas e dansava na cadeira.

Chega a hora de pagar; a velha Regadas não se mexe e Caxangá finge-se distraído.

Porfim, elle tem uma idéa e diz de repente:

— As senhoras hão de permittir que eu me retire um instante... Tenho que ver aqui umas provas, já, já; e volto immediatamente.

Isso foi dito com todos os ff e rr; e Caxangá saíu. Logo que se viu na rua, tirou um pequeno anel que tinha no dedo e correu ao primeiro transeunte:

— O Sr. quer comprar-me este anel?

O typo pensou que era conto do vigario; chamou o guarda civil e lá foram para a delegacia.

A coisa ficou nm tanto atrapalhada porque o anel era Montana.

Hum.



Um homem conhecido

E' uma dos tempos que correm.

Estavam dois amigos, alta madrugada, num botequim de bohemios, quando se chega a um delles um typo commum, moço, vestido como toda a gente, sem traço algum particular.

Acerca-se do conhecido e diz:

— Estou arrependido.

— De que?

O rapazola coça a cabeça, abaixa a voz e diz confidencialmente:

— Se *elles* souberem quem eu sou...

O typo tem vontade de rir, mas contem-se e convida:

— Tomas alguma coisa?

O typo olha de um lado para outro e responde:

— Só se for muito depressa.

— Bem. Tomará depressa.

Antes de chegar a bebida, o typo continúa assustado:

— Ah! Se *elles* souberem quem eu sou...

O terceiro continúa intrigado com os modos desconhecidos do recémchegado; mas, nada diz.

Porfim chega a bebida; o typo a toma e sae.

O terceiro, ou melhor, o segundo, agora pergunta ao outro:

— Quem é este sujeito?

— Não sei Bem... disseram-me que é cunhado de um primo do Marechal Hermes.

— Ah!...

FRIO

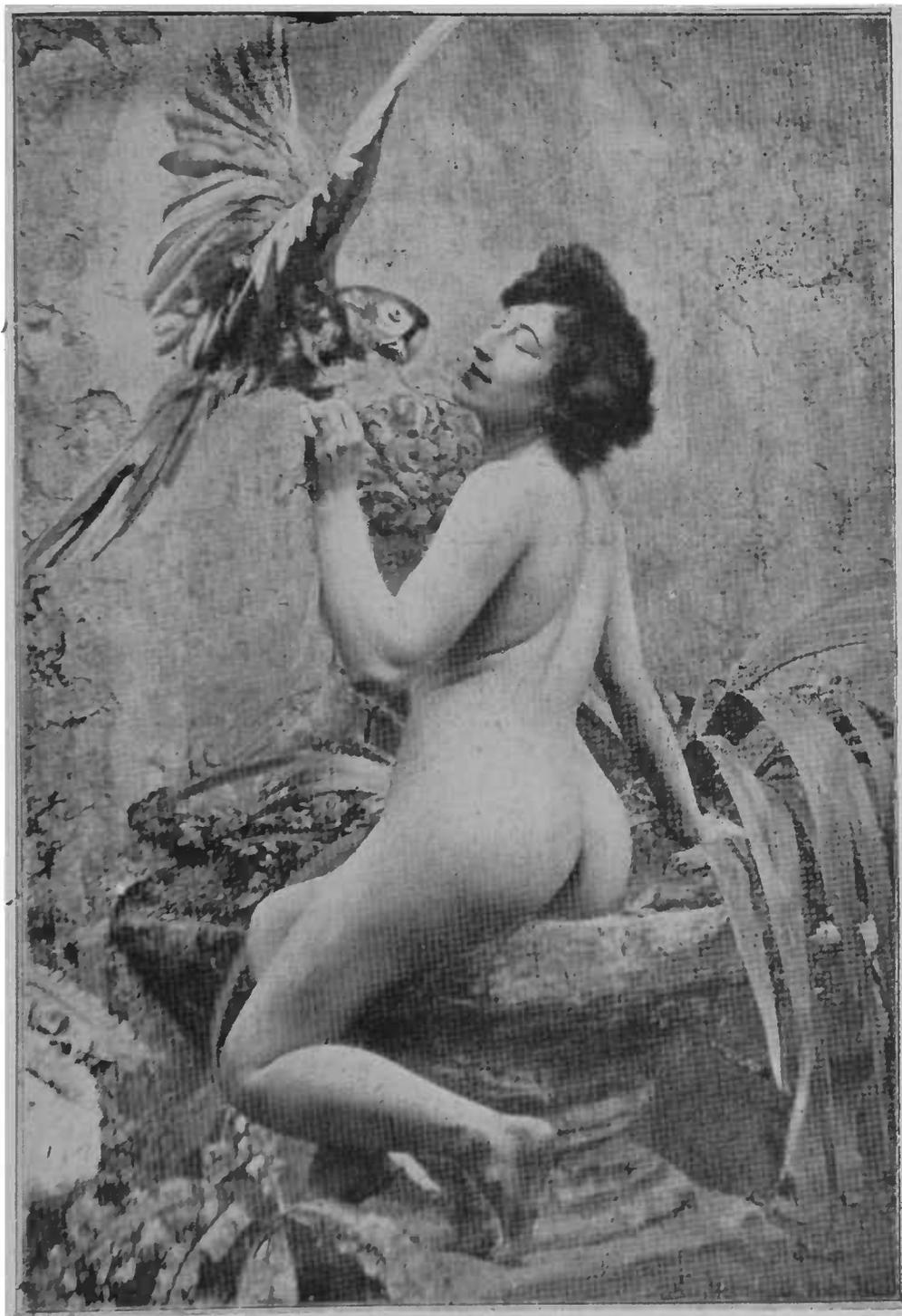
Sobretudos de casemira forrados

Só na **CASA PARIS**

41, RUA DOS ANDRADAS, 41 — Esquina HOSPICIO

26\$

Supplemento d' O Riso





A Luva

A moda das luvas perfumadas fez furor na cõrte de Hespanha e no theatro de Calderon.

Perez costumava enviar estas vestiduras da mão em bilhetes de galanteio ás damas e ainda aos graves ministros de Henrique IV.

E seu uso foi notavel na França, no reinado de Luiz XII, cuja cõrte era muito mais hespanhola do que franceza, graças á galante filha de Phelippe II.

A luva era o symbolo da autonomia. O par que se aençou em Reims na cerimonia da Sagração exprimia a maxima autoridade do rei exercida no terreno da Religião.

O uso da luva nasceu para preservar as mãos do frio.

No seculo XVII todos os que penetravam nas cavallariças régias deviam descalçar as luvas, e os que não observavam a praxe se expunham aos ditérios dos pageens.

Os habitantes dos paizes glaciaes usam as luvas, antes como um preservativo contra o frio do que como um objecto de luxo.



Mesmo nos climas temperados, como o da Italia, o costume é posto em pratica como bem o provam as estatuas dos baixos-relevos, que as levam as vezes pelo modo porque o fazem os nossos actores. E' verdade que umas taes luvas estão muito longe de ter a elegancia das nossas. Ellas são muito semelhantes as que levam os lacaios: uma especie de saquete com todos os dedos reunidos, não deixando senão o pollegar isolado, e que poderia chamar-se com alguma razão a sapata da mão.

Na idade media a verdadeira luva era um composto de malhas de ferro, sendo antes uma peça da armadura do que um accessorio da toilette.

E' claro, nos *bailles* não eram usadas as luvas gladiatoricas, mas umas outras de pelle espessa e punhos de couro. Mesmo assim era uma peça do uniforme militar e não da arte da tafularia.

No reinado de Luiz XIV as damas da cõrte costumavam usar as «mitaines», que não eram para os cavalheiros outra cousa senão um traje de campanha.

No faustoso reinado de Luiz XV todos os autocratas traziam as mãos enluvadas.

Entre nós as luvas estão sendo muito barateadas. O seu uso não é pequeno entre os escriptores de fancaria e os poetas quixotescos.

X. P. T. O.



Amor... á franceza

Na roda que frequentava era conhecida a predilecção que tinha o Newton pelas francezas. Aquillo já não era mais predilecção: era fanatismo. Gabassem na sua presença o *salero* da hespanhola, a formosura da italiana, o *chic* da brazileira e elle saltava logo a advogar a eterna causa:

—«Nada, nada como as francezas, as rainhas do Amor, a encarnação da graça e elegancia que caracterizam a mulher sensual e bella. As francezas valem todas as outras mulheres junctas!»

E por ahí ia além. Falava com ardor, ci-

tava nomes: a Jeannette, a Berthe, a Marthe, emfim dezenas de nomes.

E, no ardor de apreciar a *arte de amar* das francezas commettia o sacrilegio de tornal-as as mais fieis, as mais sinceras das mulheres!

E não havia argumento que lhe balançasse a opinião.

Com uns cobres que tirou na Loteria de S. João o Newton realizou emfim o seu sonho dourado: tocou-se para á Europa, isto é, para a França.

Regressou ha dias. Encontrei-o no dia seguinte á chegada. Dei-lhe corda e, com grande espanto meu, disse-me elle:



«Meu bom amigo, errar é dos homens, persistir no erro é dos burros. Eu sou humano, errei. Venho da França, de Paris, a Capital do mundo e das francezas não quero mais nem o cheiro sentir. O Creador não tem conhecimento da existencia d'aquella terra, o Paraizo depravado do mundo, a terra do Amor sem escrupulos e sem vergonha. Venho enjoado do que vi e virei casaca por completo.

Agora, sim, reconheço nas nossas patricias o ideal da mulher, mesmo no demi-monde onde mercadeando a carne salvaguardam muitos sentimentos e, a vista do que vi, até o pudor!

Sou como tú um *Jacobino* nas cousas d'Amor.

— E a sinceridade das francezas? perguntei.

Está no *pescoço*. E' ahí que ellas têm tudo.

Conde Danilo.



— Venho pedir-lhe a mão de sua filha, D. Ignez.

— Meu caro senhor: a mão é pouco. Leve-a toda.

**FILMS D'ARTE****D. DEOLINDA LALTRO**

Que dizer d'esta senhora ?

Simplemente isto: é uma heroína. Falta-lhe feitos heroicos, mas qualquer personagem de « vaudeville » o é tambem.

Mas a falta de feitos heroicos em D. Deolinda não é tão absoluta como se pode crer.

D. Deolinda tem pelo menos um: a sua viagem a Goyaz, em busca do martyrio catechista. Foi e voltou cheia de saúde e de ou-sadias.

Só fez um sacrificio: teve de se desfazer do seu dente chumbado a ouro para occorrer ás despesas de viagem. Não creiam que tenha dentes de mastodonte e que o ouro era de boa qualidade.

D'ahi em diante D. Deolinda aprendeu a catechisar, não só os caboclos, como os prefeitos, os intendentes e os senadores.

Os começos de sua catechese foram arduos e improficuos, mas hoje está colhendo fartamente tudo que semeou.

E' professora, mas tem sempre aprendido. Começou ensinando as primeiras letras; hoje ensina ou aprende guarany.

Fundou o Partido Republicano Feminino. E' uma bella invenção politica, porque os seus membros não podem votar nem ser votados.

Assim elle, o partido, só tem uma funcção: cabalas, mediante olhadellas e suspiros, junto aos verdadeiros eleitores.

E' o terror do Irineu Machado.

Ainda mais, D. Deolinda tem virtudes de domadora. Arranjou caboclos mais ou menos authenticos, levou-os para casa, e, com o auxilio delles, faz sua figurinha.

Não ha embarque e desembarque de figurão que ella não se apresente com Tupiny, Koty, Pery, Cory e Pipy. Não sei se elles fazem parte do Partido Republicano Feminino; mas certo é que fazem do partido de D. Laltro.

Acaba de fundar uma escola: Escola Orsina Fonseca. Essa escola tem duas vantagens: a primeira, não se sabe bem qual é; a segunda é que tem para padroeira a Exma. esposa do Presidente da Republica.

Antigamente, era uma N. S. qualquer (coisa platonica de vantagens problematicas); hoje, graças á D. Laltro, a historia ficou mais pratica e mais eloquente.

A origem, isto é, a data do nascimento da Sellica dos caboclos não está bem averi-

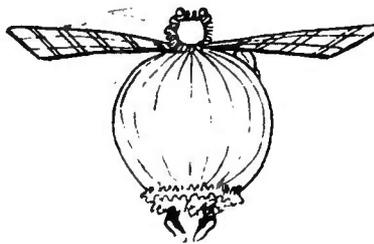
guada. E' um personagem de lenda; não tem, pois, começo e talvez não tenha fim.

Dizem que nasceu nas selvas e foi comprada por missangas por um explorador de borracha.

Ao certo não se sabe coisa alguma; mas o Coronel Rondon affirma que ha algumas notas sobre esse ponto.

De positivo, nada se pôde affirmar, porque, nessas coisas de lendas, diz o Dr. Pelino Guedes, ha muita falsidade, muita invenção e muita transformação, graças á ignorancia dos povos.

Pathé d'Encre.

**A Bahia**

Minha Bahia, bella flor do Norte,
Filha dos mares que cruzou Cabral,
Teus grandes filhos têm tomado assento
Nas duas Casas desta Capital.

Já não fallemos na pessoa minha:
Eu tenho feito regular figura,
Desta caréca muita idéa nova
Tem feito a luz em muita cousa escura.

Sim, eu conheço que não sou um Cicero
Como os Seabra e os Barbosa Lima!
Não cavo votos como o Raradura,
Nem como o Hermes sei pular p'ra cima!

Mas tenho um nome que é padrão de gloria
Para a Mulata aonde o Ruy nasceu,
Tenho comido no Congresso os pratos
De carurús que o senador comeu.

Minha Bahia, meu maior thesouro,
Nympa das ondas que cruzou Cabral,
Como os teus filhos me bati com garbo
Numa das Casas desta Capital.

Commendador Neiva

CASA PARIS == 50\$, 60\$ e 70\$.

Ternos sob medida. Tecidos de pura lã

30\$, Ternos de brim | RUA DOS ANDRADAS, 41
sob medida. | Esquina da Rua do Hospício



Recordações da infancia

Eram ainda muito crianças quando se conheceram. Comtudo aquella intimidade em que viviam, obrigava-os a uma certa sympathia. Nas horas de recreio, Carlos e Julieta estavam sempre juntos e, como fossem os mais velhos, escalavam o que deviam fazer para passar o tempo.

O divertimento era fazerem-se de casados e por isso andavam constantemente de braços dados.

Julieta, em sua ingenuidade observadora, fazia augmentar o pequenino ventre com pedaços de panno, para dizer que se achava grávida e logo em seguida apparecia com uma boneca participando ao resto da petizada que havia dado á luz um interessante rebento.

Durante muitos annos os dois innocentes passaram assim, até que um dia se separaram por terem os paes de Julieta ido fixar residencia em outras paragens.

Carlos, muito amoroso, sentiu iminentemente essa separação, porém pouco a pouco foi se conformando com a sorte, na doce esperança de tornar-se mais tarde o verdadeiro esposo de Julieta.

Os tempos decorreram e Carlos dominado por outro amor mais intenso casou se esquecendo os juramentos que fizera á sua companheira de infancia.

Mais tarde, soube que Julieta era noiva de um amigo seu, e viu que era chegado o momento de recordar as horas felizes em que os dois passeiavam maritalmente pelas alamedas do jardim.

A noticia do casamento de Julieta foi para elle uma grande alegria. Naturalmente, como amigo de Felizardo, foi convidado para a cerimonia que seria realisada por aquellos dias.

Carlos começou a frequentar a casa do amigo com assiduidade; não passava uma semana que o não fosse visitar. A convivencia foi disperfando aos poucos a attenção da esposa do amigo, de modo que ao cabo de certo tempo, Carlos e Julieta se correspondiam por meio de olhares significativos.

O casal, porém, residia em uma casa acanhada em uma das ruas do bairro da Tijuca, e como Julieta achasse que ficava muito isolada, Felizardo tratou de procurar outra casa que fosse de pleno agrado de sua esposa.

Mudaram-se. Felizardo immediatamente participou a todas as pessoas de suas relações e, Carlos, também recebeu uma participação-sinha. Uma noite o dedicado amigo compareceu á visita obrigatoria. O pobre marido recebeu-o de braços abertos cheio de contentamento.

Como sempre acontece, depois de discutida a superioridade de uma casa sobre outra, Felizardo tomou de uma vela e foi em companhia da esposa e do amigo percorrer sua nova vivenda.

Quando iam todos no melhor da escursão, na passagem de um quarto para outro, Carlos aproveitando a occasião em que Felizardo estava um pouco distante ferra um beijo no delicado pescoço de Julieta, ao mesmo tempo em que o pobre coitado lhe pergunta:

— Que tal, achas boa?

— Deliciosa.

Escusado é dizer que desde esse dia, Carlos ficou conhecendo intimamente todos os commodos da nova casa de seu amigo.

H. Pito.



«A Noite» pede-nos para declarar que estando em maré de prosperidade, não defenderá por ora a candidatura do Rodolpho á presidencia de S. Paulo.



Temos noticia de que o Ozorio Duque Estrada está em serias difficuldades.

Tendo recebido um livro aliás mediocre, em que não ha nem um erro ou descuido grammatical, o famigerado critico, não podendo servir-se do Coruja, não sabe o que ha de escrever sobre a obra.



— Quem é que faz os artigos de fundo do «Diario de Noticias»?

— E' o Mangabeira.

— Pensei que fosse o Francisco Octaviano.

— Qual! Esse morreu ha quasi vinte annos.



— Que tem feito o Bento Ribeiro na Prefeitura?

— Andar de automovel.





BASTIDORES



Continúa no Theatro Municipal, a companhia lyrica, que tem á frente o maestro Pietro Mascagni.

As enchenes têm sido continuas, e as operas tem sido bem cantadas.

Sexta feira ultima, foi representada pcla primeira vez a opera «Isabeau», musica de Mascagni e verso de Illica, notavel libretista italiano.

A opera é linda, e foi bem cantada e representada, sendo calorosamente applaudido o seu autor e os interpretes.

Continúa imperando com o seu talento e arte, no palco do Recreio, a Sra. Palmyra Bastos, a rainha de opereta portugueza.

O Recreio continúa repleto todas as noites, e o publico não se cança de ver e ouvir a Sra. Palmyra, na rainha Olga, da linda opereta S. A. R. o Principe Consorte.

No Palace-Theatre estreou sabbado uma companhia franceza de operetas e vaudevilles, dirigida por Balazy, e da qual faz parte La Camargo.

O genero que é apresentado, agradou bastante, e promete fazer successo.

O Pavilhão Internacional, o cabaret da Avenida Central, continúa em franco successo, com a actual *troupe* que ali trabalha.

Wardson Héde, o ventriloquo e manipulador; *The 3 Arizonas*, nos jogos indianos; *La Paqueta*, *Jane Brevanne*, *Dorys Di Capua*, *Perlette* e *Morosini*, *chanteuse á voix*, *Mabel de Vena*, malabarista, e outros artistas continuam agradar extraordinariamente os *habités* deste genero de diversões.

— A *Mulher Soldado*, continúa firme, e em forma, agradando a todos que vão passar algumas horas no Cinema Theatro S. José.

A adoravel *Cinira* e o espirituoso *Alfredo Silva*, auxiliados por *Miranda*, *Castello Branco*, *Franklin*, *Antonietta Olga*, *Laura Godinho*, *Cecilia Porto* e outros promettem o centenário da peça, para depois irem do *Convento ao Theatro*, que é tambem de fazer rir.

A companhia João de Deus, que actualmente trabalha no São Pedro de Alcan-

tara, tem sido incançavel, pois, nada menos de oito peças já nos deu no curto espaço de dois mezes.

Os *Pingos e Respingos* têm agradado, e breve será levada a peça *Hercules á força*.

Bravos a João de Deus.

Chantecler, é o cinema da epocha.

Toda noite aquella casa torna-se repletissima de povo que vae ver o *Conde de Luxemburgo*.

Ultimos dias que a *troupe* do Rio Branco trabalha, visto ter que fazer uma *tournee*, que para este fim foi contratada.

Estrea esta semana no Apollo, a Companhia Lucilia Peres, no Theatro Apollo, com a peça—*Papá*.

A' gentil actriz brasileira está reservada calorosa manifestação por parte dos seus admiradores.

Falla-se que o Sr. Adolpho de Faria será nomeado ensaiador do Theatro Municipal, e o Sr. Christiano de Souza e Lucinda Simões, directores da escola dramatica do mesmo theatro.

Por motivos alheios á sua vontade, deixou esta secção o nosso *T. Binhas*, e della assumiu a direcção o

José da Pedra.

Nas coxias...

— Porque seria que a Joanna Boer brigou com o Chiquinho?

— A Mimosa aproveitando a estação lyrica está fazendo um curso de lingua, destinado aos italianos.

— O Andrade vendo a Roland com as «protuberancias» de fóra, exclamou: si eu não fosse pinto, cantaria de gallo...

— Dá-se um doce a quem descobrir o segredo que faz andar o Alves e o Leitão juntos.

— Dizem que o João de Deus anda desconfiado e com razão.

— O Pery Pequeno é um bom saltador, e tanto que deu um bote na Lavina, que a pequena ficou.. segura.

— Contractou casamento com a senhora Laura Brazão, o galan Mario Brandão.

A união realisar-se-á no dia de finados, servindo de madrinhas por parte do noivo as Sras. Ida e Helena Cavallier, e da noiva, João Silva e Fonseca Moreira.

Quem não irá a festa é o

Delró Netto.

UNIFORMES — E. F. C. B.

* Correio Geral e Alfandega *

Só na CASA PARIS — RUA DOS ANDRADAS, 41

50\$



Um discurso pyramidal do commendador Neiva



Sr. presidente, senhores deputados de bom gosto!

Não vos assusteis!... O meu discurso não terá o comprimento do canal do Mangue, nem será um irmão gêmeo do ultimo parto literario de Ruy Barbosa, enguli esse *fac-simile* de cartão postal, esse telegramma, estas duas palavrinhas mal alinhavadas pelo ultimo dos bahianos.

— Não apoiado!

— Senhores deputados, não vos assusteis... Eu prometto ser laconico, para não roubar o vosso precioso tempo.

Como sabeis, senhores, melhor do que aquelle que vos fala: o tempo é ouro, e o ouro é o mais precioso de todos os metaes.

Uma voz

---(Já houve tempo em que chovia nesta terra este metal como o maná da Escripura.)

O Sr. Neiva

— Hoje esta chuva refulgente é tão rara, como a chuva que cahe do azul no esteril Ceará.

Vozes

Apoiado, muito bem!

---Sr. presidente, eu bem sei, perante vós deveria enfronhar-me no silencio dos defuntos todos do Cajú.

Vozes

(É de todos os cemiterios)

O Sr. Neiva

Eu falo do Cajú por ser a necrópole dos pobres, dos meus collegas...

Vozes

Não sabiamos que V. Ex.^a era defunto.

Um deputado

Tomára que o discurso do nobre deputado não exceda ao prazo de 48 horas, afim de que como os collegas que acaba de citar não entre em putrefacção.

Risos prolongados.

Eu falei dos pobres, porque não sou nenhum *menino de ouro*.

Um deputado

Menino, V. Ex.^a, com a bagatella de 71 Janeiro?!!

O Sr. Neiva

Perdão! V. Ex.^a falta a verdade e parece que só aprendeu na escola a conta de addição.

— Aprendi no mesmo collegio que V. Ex.^a cursou com brilhantismo para o assombro da bancada bahiana.

O Senhor Neiva

Não apoiado, para que se desse esse facto seria preciso que V. Ex. se encontrasse onde repousam os meus pobres irmãos.

Ah! V. Ex. quer por um *tour de force* ser defunto.

Fiat voluntas tua!

— V. Ex. quer perturbar-me, por que não tenho a eloquencia de um Cicero.

— Não apoiado!

V. Ex.^a quando falla tem attracções das sereias da Scylla!

(Colicas de riso pelas galerias).

Sôam os tympanos.

Uma voz

V. Ex. é o praxiteles da palavra.

Um deputado

Desenrole na Camara a sua fita, como ha dias no Senado o homem dos sete instrumentos.

O orador

Não posso tocar os sete instrumentos como o senador Ruy.

Um deputado

Já que o confessa toque ao menos um a gaita.

(Hilaridade franca).

O Sr. Neiva

Senhor presidente!

O presidente

Atenção.

— Eu submetto á douda apreciação desta Casa uma idéa que se não tivesse brotado da minha caréca eu diria—luminosa!

Vozes

Não apoiado, não apoiado!

O orador

Eu proponho que o governo frête os navios todos do LLOYD, e, caso haja ainda verba, os da Costeira de Navegação do meu amigo Antonico Lage, para transportar a essa assombrosa Athenas Carioca os cozinheiros todos da Mulata Velha, porque, senhor presidente, estamos muito mal servidos nos hoteis, nas pensões, nas casas de familia, pelos nossos representantes da arte culinaria. Não ha presentemente, pelo Rio, quem saiba fazer um vatapá, um feijão de leite de côco, uma fritada de castanhas de cajú, uma...

Tudo entre nós está falsificado de um modo cretino. Não quero falar, meus illustres



collegas, em tudo aquillo que se faz com o azeite de dendê.

Sr. presidente, o mesmo desleixo, a mesma incuria, a mesma pouca vergonha que fazem com as petisqueiras do Norte os nossos cozinheiros, o mesmo fazem os vendedores com os moringues da terra do Severino Vieira, apresentando uns moringues feitos com o barro vermelho nas olarias do paraizo do Rapadura como os legitimos da nossa cara Bahia!

Sr. presidente! E' mister por um cobro á marcha assombrosa de nossas falsificações.

As proprias senhoras, senhor presidente, não são na rua o que o são no *menage*: umas, engordam pelo effeito magico das anquinhas; outras, ficam magras pelas fortes compressões dos *corsets*; outras, manifestamente chloroticas, pela applicação de certas pomadas, nocivas á saude, e postas clandestinamente nas vitrines da rua que já foi da moda, tornam-se côr das romãs de Maragogipe; outras, finalmente, com os cabellos da côr das neblinas dessas manhãs da Russia, tingem-nos com o açafraão das saborosas mangas de Itamaracá.

Tenho terminado.

O orador é muito complimentado.



A TI...

Minh'alma segue-te, azinha,
Nas azas de uma andorinha,
No vôo de um colibri,
Num raio do sol poente,
Num garrulo da corrente,
Num threno da juryty!

Ah! não se passa um momento,
Que a leve aza do vento
Não murmure o nome teu!
No berço de cada ramo,
Na flauta dum gaturamo,
Numa cithara do céu!

Nos doces beijos da briza,
Na relva que a rola pisa,
No remanso do palmar,
Nas garças que vão serenas
Molhar o coll' de pennas
Nas ondas azúes do Mar!

Nas horas do sol poente,
Quando á margem da corrente
Geme a pomba juryty:
E' quando a alma do triste,
O coração que feriste
Mais saudades tem de ti!

R.

Um trambôlho

O «General», como é conhecido vulgarmente o Fernando, não é velho.

Si bem que não seja uma creança, comtudo ainda poderá viver muitos Janeiros. Mas o «General» está *gasto*, completamente *gasto*. Muito cedo atirado a esta vida desregrada a que se habitua quasi todos os rapazes no Rio, passando as noites á fio nas farras entre mulheres e garrafas, o «General» perdeu muito cedo a força mascula que caracteriza o homem.

De vez em quando com muito cuidado e nas *luas novas* consegue uma aragem passageira do vigor que outr'ora possuiu.

Mas é cousa rapida e o «General» uma vez sem ella consola-se em pregar potocas e em morder o proximo. Nisto ninguem consegue vencel-o.

* *

Ha dias n'uma meza de um café na Lapa «General» pretendia impingir suas aventuras do tempo em que foi commandante de um paquete da Mala Real.

Eis que passa a Ottilia uma antiga paixão do General, paixão platonica já se vê.

Este ao vel-a, parece, teve a aragem protectora e não quiz perdê-la. Despediu-se dizendo onde ia e saiu.

Minutos depois voltou triumphante a dizer: Quatro, meus senhores, quatro *partidas* e sem descançar. E digam depois que eu não sou bom *taco*.

Nisto chega a Ottilia a rir e exclamando: Pobre «General», não teve, meus senhores, não teve *jogo* para lutar commigo uma só vez!

O «General» atordoado saiu quasi a correr enquanto os outros riam e gritavam:

«Olha, «General», manda cortar fóra a *sóla* que só serve para te atrapalhar e mais nada.

Corta fóra esse trambôlho!»

Mario.



Um dia elegante, segundo o «Binoculo»: 8 horas, despertar em Todos os Santos, tomar um supplicante banho frio, vestir-se ás pressas; 9 1/2, almoçar tutú de feijão e roupa velha; 10 horas, apanhar o trem; 10 1/2, assignar o ponto na Prefeitura; 11 1/2, fazer um officio; 1 hora, fugir da Repartição; 2 horas, occupar uma meza da «Castellões», com o Caxangá e não fazer despeza; 4 horas, voltar a Todos os Santos e metter-se na feijoada; 5 1/2, voltar á cidade, ir ao theatro com um bilhete de favor ou dizer banalidades na casa do Commendador J. 12 e 40, embarcar no trem e tiritar de frio até Todos os Santos.



Nocturnos

A noite de hontem foi uma belleza : — comi de pagode e bebi melhor.

Bebi mesmo, bebi mais do que o homem que bebeu 16 litros de vinho verde, e ficou roxo.

Eram 9 1/2 quando eu e o meu particular amigo Dr. Rego da Costa, acabamos de gravar. Como era natural, fomos fazer via-sacra nas zonas e depois entramos no Pavilhão do Paschoal, para ver as «madamas».

O negocio estava cheio que parecia as *matinées de coupon*.

O doutor, camarada abonado, comprou um camarote, e lá fomos nós vêr o troço.

Havia dado fim a segunda parte, e o Raffaele, a fumar cachimbo, fallava pelas tri-pns de judas, contando aos companheiros de orchestra as suas aventuras com a Morosini, e o doutor todo assanhado a grellar para as mulheres.

Momentos depois appareceu a Jeanne no lado da Mimosa, e o doutor não resistindo atirou-se á Jeanne, mas, a Mimosa suppondo que nós não entendiamos francez, chamou a pensionista e disse : «que os brasileiros eram promptos negros!»

Nem foi corrida : o doutor virou bicho, e o tempo fechou e a cousa ficou preta ; mas, os civis vieram e a cousa não tomou vulto, ficando para outra vez.

Mal sabin a italiana Mimosa, que nós a conhecemos de sobre, desde que ella foi criada de uma «zinha», em Livorno, e «apachette» nos Boulevards de Paris.

Hoje, nada disso é, mas, a quem deve a sua *posição* ? ! Ao brasileiro ! . . . que se deixa explorar pelo seu commercio.

Demos o fóra, mas antes eu não resisti, e ao passar perto da gaja, disse-lhe : hébeté et déshonnête.

A bicha queimou-se, mas ficou firme.

A Avenida estava esplendida e ventilada. Como fosse cedo ainda, resolvemos ir dar uma lambadasinha n'Americana, e lá encontramos de cara com o Lúlú Pau d'agua, meio aguado.

Assim que nos vio, veio logo contar que na pensão da Mimosa não se faz uso d'agua.

Depois de uma serie de indiscreções, Lúlú, tirou do bolso a ultima producção do Figueiredo, intitulada «perfil de mulher» : — Mimosa, a salchicha humana, nasceu em Florença, e trazida pelo vicio, criou-se em Paris embora já sendo *criada*.

Costumada a servir, veio p'ra o Rio, e aqui

um brasileiro, fel-a dona de pensão onde continúa fazendo todo serviço. . .

Ahi, umzinho levantou e quiz protestar, mas, eu que já estava queimado com a tal fita, metti a cabeça no bruto, que o nêgo virou gangorro, encolheu-se todo, e cahiu no mangue. . .

O povo juntou, e eu que não sou arara, dei o fóra e fui p'ra zona fazer a

Ronde de la nuit.



Sestas & Serões

Dois premios aos maiores decifradores

Problemas ns. 1 a 12

CHARADAS NOVISSIMAS

A veste da senhora é de côr leitosa — 2—2.

Divina mulher ! Nossa senhora — 2 3.

Homem, olha um pedaço de madeira na bocca da criança — 1—2.

E' grande a molestia da senhora ? — 1—2.

E' santa a parte do rosto deste homem — 2—2.

O interesse abaixo do talento do homem — 1—2.

CHARADAS SYNCOPADAS

3—Instrumento que fere—2

3—Substancia de leite de fructa—2

3—Qual o instrumento que procuras ?—2

3—Um pedacinho de pão na ave 2

LOGOGRIPO POR LETTRAS

Mulher—7—4—1—6—10—9—1— está na ponta do morro—6—8—2—10— a linda pedra—2—1—4—3—4—5—, que faz o homem ou a mulher ter estes sentimentos.

ENIGMA



Este torneio terminará com o ultimo numero de Agosto.

— O prazo para decifrações será de 8 dias, a contar da data da publicação d'*O Riso*.

— Toda correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a

Mascotte.

Elixir de Nogueira

do PHARMACEUTICO SILVEIRA
Unico que cura a syphilitis e suas
• • • • • terriveis consequencias.



As Aventuras do Rei Pausolo

ROMANCE JOVIAL

Livro segundo — Na terra da nudez feminina

CAPITULO II

Pausolo vae em busca da Princeza

O dia amanhecera extraordinariamente bello. Pausolo olhou as paredes do quarto, os tapetes, os «bibelots» e os quadros; pensava nunca mais tornar a vel-os... Sob esta emoção, tinha um presentimento que todas as calamidades o esperavam, como geralmente acontece aos aventureiros.

Seu lar era unicamente de paz e de tranquillidade. Seria uma aberração deixar tão grande fortuna.

A nova camareira, mais atrevida, falava-lhe de coisas que elle não perguntava. A outra camareira estava bem doente; os medicos diziam tratar-se de uma metrite.

Pausolo achava que Giguellilot tinha razão. A paz aborrecia-o, o socego acabrunhava-o e a semelhança dos dias causava-lhe profunda melancolia. Aquelle quarto era simplesmente fastidioso; o horizonte era sempre o mesmo. Apenas um espirito atrazado podia limitar-se ás quinze estatuas que circumdavam o terraço. Havia outras coisas mais bonitas em Tryphemia.

A entrada dramatica de Taxis interrompeu suas reflexões.

O eunuccho collocou-se diante da porta e falou como se estivesse dando um ultimatum:

— Senhor, uma unica pergunta: sou ou não Marechal do Palacio?

— Não comprehendo, respondeu Pausolo.

— Quero que me expliqueis. Sou chefe, sou collega ou sou subordinado ao pagem Giggio?

Pausolo sacudiu os hombros.

— Porque estais tão zangado, Taxis? Temos de partir dentro de poucos instantes. Não vejo razão para estabelecer a supremacia entre um e outro, ambos vão comigo e têm de obedecer as minhas ordens.

— Senhor, julgo que ainda não partimos. Qualquer que seja a aversão de Vossa Magestade pela pompa e pela cerimonia, vossa partida exige certos preparativos, e vossa ausencia pede algumas precauções. O joven pagem inspirado em um zelo inutil, quer abandonar todas as medidas tomadas por mim e propor outras. Eu pergunto se elle está autorisado a tomar esta attitudo que paralysa meus actos e fere minha dignidade.

— Vejamos! temos novo conflicto! exclamou Pausolo. Eu não me envolvo nisso. O rapaz já me falou, acho-o sensato. E' um espirito justo e sagaz. Não desprezarei seus conselhos. Vós, Taxis, tambem tendes qualidades boas. Acho prudente entrarem em accôrdo antes que eu tenha de tomar qualquer partido.

— E' impossivel.

— Porque!

— Entre o modo de pensar d'esse moço e o meu ha uma incompatibilidade absoluta. E' preciso que um de nós ceda. Espero de vossa bocca, Senhor, o nome do sacrificio.

O Rei riscou impacientemente um phosphoro que brilhou como a expressão de seu máo humor. Fumou em silencio durante alguns minutos, depois continuou:

Então, é muito simples. Dividireis o dia. De meia noite ao meio dia, sois vós, Taxis, o responsavel. São justamente as horas que não vos verei, meu amigo. Do meio dia á meia noite, vosso successor dirigirá. Julgo ter achado uma solução capaz de acabar com o esse estado de coisas.

Taxis não ficou satisfeito com a decisão de Pausolo. Saudou-o reverentemente e em seguida retirou-se.

Tres horas depois, o Rei Pausolo, entre o pagem e o huguenotte, precedido por quarenta lanceiros e seguido de numerosa bagagem cavalgava pela primeira vez pela estrada de sua capital.

CAPITULO III

A fonte das Nymphas

A fonte e a grande amendoeira estavam situadas no ponto mais afastado do parque. Só, a branca Alina muitas vezes ia procurar o silencio d'este agradável refugio.

A agua cahia em um tanque natural de terra vermelha e de hervas onde se enraizavam diversos loureiros. Em cima de uma mascara, que a branca Alina tomava pelo diabo, duas nymphas de marmore se enlaçavam, de pé e inclinadas sobre a bacia escura. Durante o inverno a amendoeira cobria-as com suas pequeninas flôres. No verão, tomavam sob o sol todas as côres da carne. A' noite tornavam-se deusas.



Junto a essa fonte, denominada Espelho das Nymphas, a Joven Princeza viu apparecer seu Principe Encantado.

Ella o percebera mais longe, sob as arvoredos, como uma delicada estrella branca. Depois foi augmentando até vel-o em todo seu esplendor. Caminhava a passo tranquillo, apanhando de vez em quando algumas folhas que as cheirava como se fossem flôres. Apparecia e escondia-se conforme passava na claridade ou na sombra. Alina nunca se sentira tão emocionada. Si bem que estivesse com grande desejo de beijal-o, recuou até a fonte e, com a mão diante da bocca, não se atreveu a dirigir-lhe uma só palavra.

— Chamastes-me; eis me aqui, disse Mirabella, com ternura.

Alina olhou-a dos pés á cabeça.

Estava sem chapéo, os cabellos curtos e cahidos sobre as orelhas. O rosto do Principe inclinou se para o seu, e, como ella tivesse fechado os olhos, dois labios quentes pousaram sobre a face.

Ah!... disse ella, emfim.

Mirabella afastou-se, deixando escapar um ligeiro sorriso. Levantou os olhos e olhou em derredor.

— Não. Nós estamos sós, disse Alina. Ficai.

Depois, accrescentou :

— Vinde comigo.

A poucos passos atraz da fonte, havia um pequeno templo grego, cinco columnas sustentando uma cupola redonda. Alina e Mirabella dirigiram-se para o interior do templo, sentaram-se em um banco circular e a Princeza começou a falar :

— Recebestes minha carta?

— Eil-a aqui.

— Sabeis porque pedi que viesseis?

— Para conversar comigo.

— E' exacto... Porém nada tenho a vos dizer...

Mirabella tomou-lhe a mão. Alina sentiu que ella tremia tambem.

— Eu queria vêr vos bem de perto. Sois muito bonita!... Bella como um rapaz... Durante todo o espectáculo só olhei para vossos olhos... Invejo-vos! Tenho grande pezar em ser loira; queria ser morena como vós; exactamente como vós; queria ser vossa irmã...

Mirabella achou prudente não protestar.

— Beijai-me como ha pouco, continuou Alina.

E quando as boccas se separaram :

— Como é delicioso. Quem vos ensinou beijar assim?

— Eu mesma aprendi, disse a dansarina.

— Oh! com é bom! Quantos annos tendes?

— Dezoito annos. E vós?

— Quatorze...

A brincadeira não era muito agradavel á Mirabella, dotada de um temperamento ardente. Alina, docil e inexperiente entregava-se a tudo. A dansarina tentada pelo corpo da joven Princeza, começou a acariciar-lhe a pelle macia por baixo da saia.

Mirabella tremia convulsamente, e aproveitando a escuridão da noite entregou-se inteiramente ao prazer.

Alina, notando o tremor que dominava todo o corpo de Mirabella, perguntou-lhe ingenuamente :

— Sentis frio, minha amiga? Estais tremendo tanto...

— Sinto-me um pouco fraca, disse Mirabella.. Estou acostumada.

— Quereis caminhar um pouco?

— Quero...

— Então, vamos. O parque está deserto. Iremos onde escolherdes.

Alina deixou cahir a saia e levantou-se para sahir.

As raparigas abraçadas foram espiar na agua as suas formas, como as duas nymphas de marmore.

Mirabella não pronunciava uma palavra. Toda aquella agitação que pouco antes tinha desaparecido, voltava agora com mais intensidade. Sentia-se apaixonada.

Mirabella lançou mão de um artificio para gosar as poucas horas que lhe restavam. Uma idéa invadira-lhe o espirito; pensou, achou-a realisavel e a poz em execução.

— Adeus, disse ella de repente. Nunca mais vos verei.

Alina empallideceu.

— Oh! ainda é cedo...

— Preciso partir.

— Ainda nada vos disse. Chegastes agora mesmo, como já pensais em ir embora.. Aborreço-vos talvez; certamente não sabeis porque vos mandei chamar. Tambem não o sei, apenas considero-me feliz quanto sinto o calôr de vossa mão.

(Continúa).

Jucá

✻ ✻ CURA TOSSE ✻ ✻

Bronchites, Asthma, Escarros

— sanguineos, Tuberculose, Hemoptyses e Diabetes

VIDRO 24000

LABORATORIO: Avenida Mem de Sá, 115